

UM DIÁRIO DE ROTINA COM CRIANÇAS SURDAS DO 5º ANO, SOB A PERSPECTIVA DE SUAS VIVÊNCIAS COTIDIANAS

CLAUDIA ADRIANA AVILA DA SILVA¹; THAÍS PHILIPSEN GRÜTZMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas - claudiaadrianaaviladasilva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - thaiscim2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Física e Matemática da Universidade Federal de Pelotas (PPGEMAT/IFM/UFPEL), iniciado no primeiro semestre de 2024.

A temática da pesquisa envolve a criança surda e a construção do tempo: percursos singulares e temporais destas vivências, com alunos surdos no 5º ano do Ensino Fundamental. O objetivo principal visa investigar como as atividades desenvolvidas contribuíram para o processo de construção e exploração de noções de tempo destes alunos. O estudo parte de que a língua, a rotina e os elementos visuais são essenciais nesse processo. Para tal, tem-se como referencial teórico os estudos de PIAGET (2012) sobre a construção de tempo na criança.

O que é o tempo? E como ele se constrói? Será o tempo somente resumido em tarefas e compromissos a cumprir? Ou uma sequência de tic-tacs do relógio? Essa reflexão nos leva para a infância, nos faz pensar: como as crianças desde cedo constroem essas conexões e noções? Seria algo natural ou induzido por adultos já imersos nesse ritmo frenético e acelerado de um tempo que não para?

Essas indagações direcionam a proposta desse estudo fundamentado na teoria de PIAGET (2012), que discute como a criança constrói sua noção de tempo a partir da vivência concreta e visual dos estudantes.

Diante disso, cabe refletir: como estas crianças surdas se organizam e constroem as primeiras noções e conceitos tão abstratos quando relacionados as noções de tempo? De que maneira organizam mentalmente as experiências vividas e estabelecem relações entre os acontecimentos?

Em seu estudo intitulado *O desenvolvimento da noção temporal em crianças deficientes auditivas*, CARNEIRO (2012, p. 1) relata um exemplo claro desse déficit:

Após um passeio a um zoológico, por exemplo, quando solicitado da criança deficiente auditiva que faça a reconstituição da situação vivida, na forma de um relato, de um desenho, de uma dramatização ou da elaboração de um texto escrito (narrativa), que levassem em conta a ordem temporal, elas não conseguiam montar uma ordem dos acontecimentos que considerasse a ordem correta de sucessão dos acontecimentos vividos. Tudo se passa como se os eventos vividos se misturassem e se confundissem de tal forma a desconsiderar a organização temporal. Isto é, os acontecimentos não são inseridos numa relação de antes e depois (sucessão).

O autor ressalta ainda, que a “função simbólica, além da linguagem, engloba a imagem mental, o jogo simbólico, imagem gráfica (desenho) e a imitação diferida igualmente importantes e construídas pela inteligência” (CARNEIRO, 2012, p. 2). Nesse sentido, a criança surda “precisa ser envolvida no contexto social, solicitada a interagir com o meio, para que exerçite a função simbólica de forma a alcançar o conhecimento do mundo” (CARNEIRO, 2012, p. 2).

2. METODOLOGIA

A pesquisa em desenvolvimento é de caráter qualitativo (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Os dados foram produzidos e coletados no ano de 2024, a partir de 11 atividades, divididas em duas categorias: 1) Eu, no tempo e 2) Construção e noção da rotina diária. Neste artigo, apresentaremos uma, a referente a construção de um diário pelos alunos.

A proposta foi aplicada em uma escola bilíngue para surdos, após a autorização da direção da escola e dos responsáveis. Os sujeitos foram alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, que apresentavam diferentes singularidades além da surdez, exigindo, portanto uma abordagem acessível e visual, e adaptada as necessidades específicas do grupo.

A análise de dados foi realizada de forma descritiva, buscando entender como ocorreu o processo de construção destas noções realizadas por cada aluno, e consistiu em manter um diário em que eram anotadas as atividades diárias organizado por períodos do dia: manhã, tarde e noite. Os alunos eram orientados a registrar diariamente suas atividades realizadas em cada período, utilizando desenhos, imagens e palavras escritas em português.

Além disso, um calendário mensal foi fixado no diário, em que cada aluno marcava o dia atual com etiquetas de imagens representando a escola e a casa, diferenciando os dias em que estavam na escola daqueles em que permaneceram em casa, se faltasse, o combinado era pintar o dia de vermelho, como pode ser observado na Figura 1.



Figura 1: Etiquetas no diário.

Fonte: A pesquisadora, 2024.

O objetivo principal era fornecer uma estrutura clara e visual que auxiliasse na construção da noção de tempo cronológico utilizando vivências reais e significativas aos estudantes. A atividade também buscou o incentivo a escrita com o uso do português escrito como segunda língua (L2) para o surdo (CAMOZZATO *et al.*, 2017).

Neste contexto, destacando a noção temporal adquirida pelas crianças surdas, esta se torna essencial para que elas possam “compreender esta forma de organizar o mundo e organizar-se a si mesmo no mundo” (POKER, 2014, p. 215).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma geral, todos os estudantes tiveram um bom aproveitamento, seja pela compreensão dos dias da semana realizada pelo calendário, ou pelos períodos do dia, por meio dos registros diários. O que colabora e auxilia de maneira benéfica os estudantes, pois “a medida que o indivíduo constrói estruturas operatórias, conceitos e relações espontâneas, toma consciência das mesmas e designa-as por meio de palavras” (FARIA, 1998, p. 50), sejam estas sinalizadas, escritas ou por meio do desenho.

A Figura 2 apresenta um exemplo de registro nos diários dos alunos A4, A3 e A1.

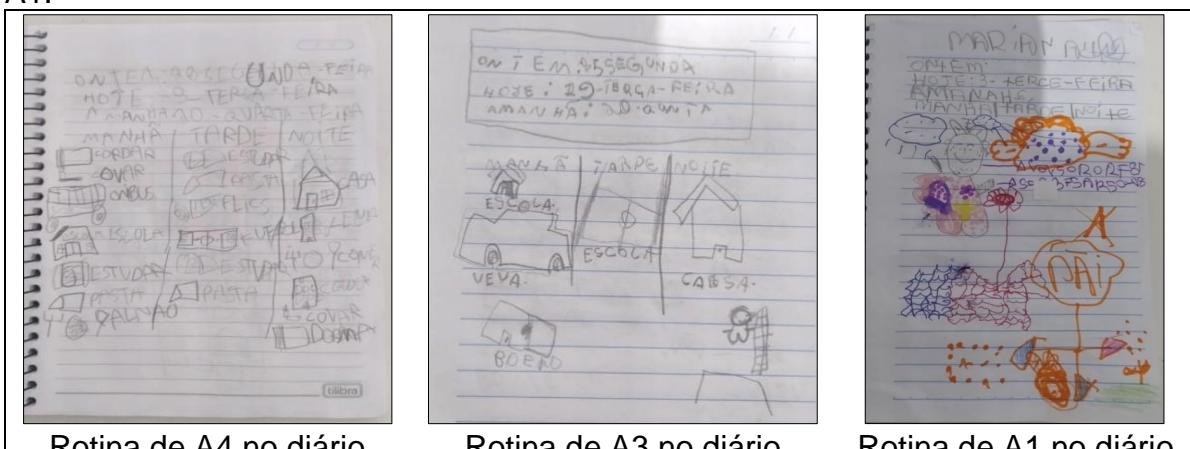


Figura 2: Exemplos de registros das rotinas dos alunos A4, A3 e A1 no diário.

Fonte: A pesquisadora, 2024.

Como ilustrado na primeira imagem, A4 realizava sempre seus registros de forma autônoma. Ao decorrer dos dias, percebeu-se que o aluno utilizou uma mesma escrita todos os dias, raramente mudando alguma palavra ou utilizando a escrita de forma diferente. Possivelmente, usou as palavras de seu cotidiano e que lhe traziam segurança e a certeza de serem escritas corretamente.

Observou-se que A3 não utilizava uma rotina estruturada com os períodos do dia, desenhando um ou dois desenhos e pronto. Quando questionado, por vezes, não sabia responder ou explicar o seu registro. Porém, com o decorrer dos dias, passou a escrever e se expressar de forma mais clara, como ilustrado na segunda imagem, reconhecendo os períodos do dia e a sequência destes acontecimentos.

A1 apresentava compreensão dos dias da semana, mas teve dificuldade nos períodos do dia, manhã, tarde e noite, sempre fazia desenhos aleatórios e repetia o sinal dos desenhos sempre que questionada.

Pelas figuras, é possível perceber que os alunos passaram a utilizar com maior clareza as expressões como ontem, hoje e amanhã, e também, a descrição da ordem dos acontecimentos em suas produções. A participação diária também favoreceu a autonomia e a identidade de cada um dos estudantes, pois os registros eram feitos com base nas suas próprias vivências.

Outro ponto a destacar foi o envolvimento dos alunos na construção ativa do diário, feita pelos desenhos, colagens ou palavras escritas, mesmo que com alguns erros de português. Nesse contexto, foi possível constatar que a construção de tempo, não se dá apenas pelo tempo cronológico, revelando-se como um processo simbólico, concreto e profundamente ligado a experiência vivida (PIAGET, 2012).

4. CONCLUSÕES

A atividade do diário mostrou-se eficaz como estratégia pedagógica para o desenvolvimento das noções de tempo em estudantes surdos dos anos iniciais. Fundamentada na teoria de PIAGET (2012) e respeitando os princípios da educação bilíngue, a proposta uniu a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua utilizada pelo surdo (L1), e o português escrito como segunda língua (L2), além da experiência concreta e organização visual, contribuindo para o avanço e desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

Essa experiência destaca a importância de práticas que integrem a rotina escolar ao cotidiano dos alunos, respeitando as suas especificidades e oferecendo meios acessíveis para a construção do conhecimento.

Além disso, o tempo, nesse contexto, deixa de ser apenas a marcação de horas e minutos, e passa a ser compreendido como experiência, memórias e organização de vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMOZZATO, D.; NOVA, M. da G. C.; ZAFFARI, S. S.; REIS, T. F. dos. **Em mãos, Português como segunda língua – Para surdos**. Porto Alegre: Pacartes, 2017.
- CARNEIRO, R. U. O desenvolvimento da noção temporal em crianças deficientes auditivas. **Revista Educação Especial**, v. 24 p. 71-76, 2012. Acessado em 26 jul. 2025. Online. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4920>.
- FARIA, A. R. de. **Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. São Paulo: Ática, 1998.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- PIAGET, J. **A noção de tempo na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- POKER, R. B. Função simbólica e desenvolvimento da noção temporal em surdos e ouvintes: análise na perspectiva de Jean Piaget. **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**. v. 6, n. Especial, Novembro/2014. p. 208-224. Acessado em 26 jul. 2025. Online. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/4282>.